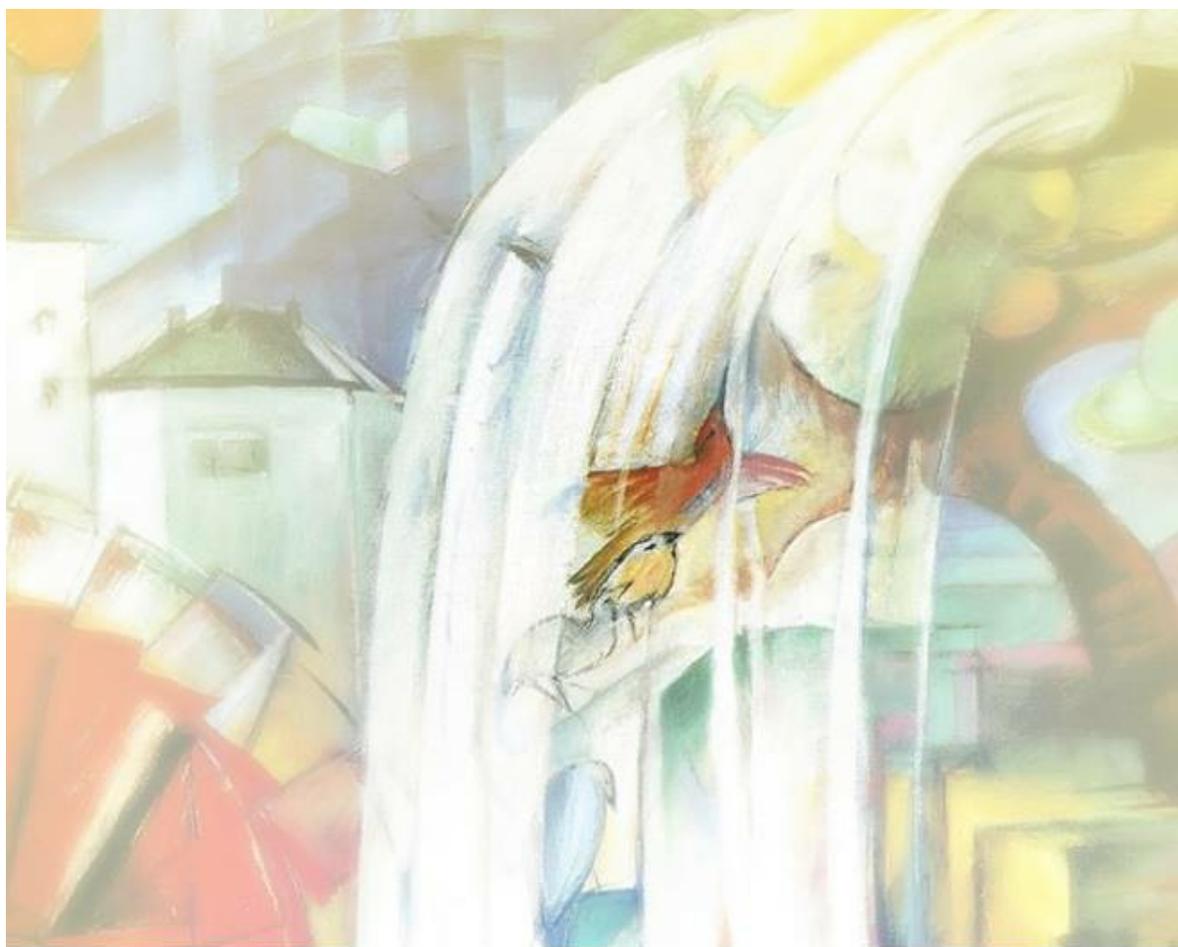




# CLEPSIDRA



Camilo Pessanha



# CLEPSIDRA



Camilo Pessanha

# **Clepsidra**

Camilo Pessanha



Projecto Adamastor

# Ficha Técnica

**Título:** Clepsidra

**Autor:** Camilo Pessanha

**Data Original de Publicação:** 1920

**Data de Publicação do eBook:** 2014

**Capa:** Ana Ferreira

**Imagem de Capa:** *The Enchanted Mill*, de Franz Marc

**Revisão:** Ricardo Lourenço, Silvana Martins e Susana Cardoso

**ISBN:** 978-989-8698-24-7

Esta obra foi revista segundo o Acordo Ortográfico de 1945, tendo-se actualizado a ortografia apenas nos casos em que tal actualização não interferia com a prosódia. Como texto-base adoptou-se o da 1.<sup>a</sup> edição de *Clepsidra*, graças à digitalização disponível no [Projecto Camilo Pessanha](#).



Este trabalho foi licenciado com uma [Licença Creative Commons — Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada](#).

# Índice

## Inscrição

*Eu vi a luz em um país perdido.*

## Sonetos

*Tatuagens complicadas do meu peito:*

*Cansei-me de tentar o teu segredo:*

## *Fonógrafo*

*Desce em folhedos tenros a colina:*

*Esvelta surge! Vem das águas, nua,*

*Depois da luta e depois da conquista*

*Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho,*

*Ó meu coração torna para trás,*

Floriram por engano as rosas bravas

E eis quanto resta do idílio acabado,

Singra o navio. Sob a água clara

Foi um dia de inúteis agonias.

Passou o outono já, já torna o frio...

Quando voltei encontrei os meus passos

Imagens que passais pela retina

## **Poesias**

Quando se erguerão as seteiras,

Não sei se isto é amor. Procuro o teu olhar,

Rufando apressado,

Ao meu coração um peso de ferro

Crepuscular

*Se andava no jardim,*

*Depois das bodas de oiro,*

*O meu coração desce,*

*Chorai arcadas*

*Ao longe os barcos de flores*

*Em um retrato*

*Voz débil que passas,*

*Na cadeia os bandidos presos!*

**Final**

*Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas,*

# INSCRIÇÃO

Eu vi a luz em um país perdido.  
A minha alma é lânguida e inerte.  
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!  
No chão sumir-se, como faz um verme...

## SONETOS

Tatuagens complicadas do meu peito:  
— Troféus, emblemas, dois leões alados...  
Mais, entre corações engrinaldados,  
Um enorme, soberbo, amor-perfeito...

E o meu brasão... Tem de oiro num quartel  
Vermelho, um lis; tem no outro uma donzela,  
Em campo azul, de prata o corpo, aquela  
Que é no meu braço como que um broquel.

Timbre: rompante, a megalomania...  
Divisa: um ai, — que insiste noite e dia  
Lembrando ruínas, sepulturas rasas...

Entre castelos serpes batalhantes,  
E águias de negro, desfraldando as asas,  
Que realça de oiro um colar de besantes!

# ESTÁTUA

Cansei-me de tentar o teu segredo:  
No teu olhar sem cor, — frio escalpelo, —  
O meu olhar quebrei, a debatê-lo,  
Como a onda na crista dum rochedo.

Segredo dessa alma e meu degredo  
E minha obsessão! Para bebê-lo  
Fui teu lábio oscular, num pesadelo,  
Por noites de pavor, cheio de medo.

E o meu ósculo ardente, alucinado,  
Esfriou sobre o mármore correcto  
Desse entreaberto lábio gelado...

Desse lábio de mármore, discreto,  
Severo como um túmulo fechado,  
Serenos como um pélagos quieto.

# FONÓGRAFO

Vai declamando um cómico defunto,  
Uma platêa ri, perdidamente,  
Do bom jarreta... E há um odor no ambiente  
A cripta e a pó, — do anacrónico assunto.

Muda o registo, eis uma barcarola:  
Lírios, lírios, águas do rio, a lua...  
Ante o Seu corpo o sonho meu flutua  
Sobre um paul, — extática corola.

Muda outra vez: gorjeios, estribilhos  
Dum clarim de oiro — o cheiro de junquilhos,  
Vívido e agro! — tocando a alvorada...

Cessou. E, amorosa, a alma das cornetas  
Quebrou-se agora orvalhada e velada.  
Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!

Desce em folhedos tenros a colina:  
— Em glaucos, frouxos tons adormecidos,  
Que saram, frescos, meus olhos ardidos,  
Nos quais a chama do furor declina...

Oh vem, de branco, — do imo da folhagem!  
Os ramos, leve, a tua mão aparte.  
Oh vem! Meus olhos querem desposar-te,  
Reflectir-te virgem a serena imagem.

De silva doida uma haste esquiva  
Quão delicada te osculou num dedo  
Com um aljôfar cor de rosa viva!...

Ligeira a saia... Doce brisa impele-a...  
Oh vem! De branco! Do imo do arvoredos...  
Alma de silfo, carne de camélia...

Esvelta surge! Vem das águas, nua,  
Timonando uma concha alvinitente!  
Os rins flexíveis e o seio fremente...  
Morre-me a boca por beijar a tua.

Sem vil pudor! Do que há que ter vergonha?  
Eis-me formoso, moço e casto, forte.  
Tão branco o peito! — para o expor à Morte...  
Mas que ora — a infame! — não se te anteponha.

A hidra torpe!... Que a estrangulo... Esmago-a  
De encontro à rocha onde a cabeça te há-de,  
Com os cabelos escorrendo água,

Ir inclinar-se, desmaiar de amor,  
Sob o fervor da minha virgindade  
E o meu pulso de jovem gladiador.

Depois da luta e depois da conquista  
Fiquei só! Fora um acto antipático!  
Deserta a Ilha, e no lençol aquático  
Tudo verde, verde, — a perder de vista.

Porque vos fostes, minhas caravelas,  
Carregadas de todo o meu tesouro?  
— Longas teias de luar de lhama de oiro,  
Legendas a diamantes das estrelas!

Quem vos desfez, formas inconsistentes,  
Por cujo amor escalei a muralha,  
— Leão armado, uma espada nos dentes?

Felizes vós, ó mortos da batalha!  
Sonhais, de costas, nos olhos abertos  
Reflectindo as estrelas, boquiabertos...

Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho,  
Onde esperei morrer, — meus tão castos lençóis?  
Do meu jardim exíguo os altos girassóis  
Quem foi que os arrancou e lançou no caminho?

Quem quebrou (que furor cruel e simiesco!)  
A mesa de eu cear, — tábua tosca de pinho?  
E me espalhou a lenha? E me entornou o vinho?  
— Da minha vinha o vinho acidulado e fresco...

Ó minha pobre mãe!... Não te ergas mais da cova,  
Olha a noite, olha o vento. Em ruína a casa nova...  
Dos meus ossos o lume a extinguir-se breve.

Não venhas mais ao lar. Não vagabundes mais.  
Alma da minha mãe... Não andes mais à neve,  
De noite a mendigar às portas dos casais.

Ó meu coração torna para trás,  
Donde vais a correr, desatinado?  
Meus olhos incendidos que o pecado  
Queimou... Voltai horas de paz.

Vergam da neve os olmos dos caminhos,  
A cinza arrefeceu sobre o brasido.  
Noites da serra, o casebre transido...  
— Cismai meus olhos como dois velhinhos...

Extintas primaveras evocai-as:  
— Já vai florir o pomar das maceiras,  
Hemos de enfeitar os chapéus de maias —

Sossegai, esfriai, olhos febris.  
— E hemos de ir cantar nas derradeiras  
Ladainhas... Doces vozes senis... —

Floriram por engano as rosas bravas  
No inverno: veio o vento desfolhá-las...  
Em que cismas, meu bem? Porque me calas  
As vozes com que há pouco me enganavas?

Castelos doidos! Tão cedo caístes!...  
Onde vamos, alheio o pensamento,  
De mãos dadas? Teus olhos, que um momento  
Perscrutaram nos meus, como vão tristes!

E sobre nós cai nupcial a neve,  
Surda, em triunfo, pétalas, de leve  
Juncando o chão, na acrópole de gelos...

Em redor do teu vulto é como um véu!  
¿Quem as esparze — quanta flor —, do céu,  
Sobre nós dois, sobre os nossos cabelos?

E eis quanto resta do idílio acabado,  
— Primavera que durou um momento...  
Como vão longe as manhãs do convento!  
— Do alegre conventinho abandonado...

Tudo acabou... Anémonas, hidrângeas,  
Silindras, — flores tão nossas amigas!  
No claustro agora viçam as ortigas,  
Rojam-se cobras pelas velhas lájeas.

Sobre a inscrição do teu nome delido!  
— Que os meus olhos mal podem soletrar,  
Cansados... E o aroma fenecido

Que se evola do teu nome vulgar!  
Enobreceu-o a quietação do olvido.  
Ó doce, ingénua, inscrição tumular.

Singra o navio. Sob a água clara  
Vê-se o fundo do mar, de areia fina...  
— Impecável figura peregrina,  
A distância sem fim que nos separa!

Seixinhos da mais alva porcelana,  
Conchinhas tenuemente cor de rosa,  
Na fria transparência luminosa  
Repousam, fundos, sob a água plana.

E a vista sonda, reconstrui, compara.  
Tantos naufrágios, perdições, destroços!  
— Ó fulgida visão, linda mentira!

Róseas unhinhas que a maré partira...  
Dentinhos que o vaivém desgastara...  
Conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos...

Foi um dia de inúteis agonias.  
Dia de sol, inundado de sol!...  
Fulgiam nuas as espadas frias...  
Dia de sol, inundado de sol!...

Foi um dia de falsas alegrias.  
Dália a esfolhar-se, — o seu mole sorriso...  
Voltavam os ranchos das romarias.  
Dália a esfolhar-se, — o seu mole sorriso...

Dia impressível mais que os outros dias.  
Tão lícido... Tão pálido... Tão lícido!...  
Difuso de teoremas, de teorias...

O dia fútil mais que os outros dias!  
Minuete de discretas ironias...  
Tão lícido... Tão pálido... Tão lícido!...

Passou o outono já, já torna o frio...  
— Outono de seu riso magoado.  
Álgido inverno! Oblíquo o sol, gelado...  
— O sol, e as águas límpidas do rio.

Águas claras do rio! Águas do rio,  
Fugindo sob o meu olhar cansado,  
Para onde me levais meu vão cuidado?  
Aonde vais, meu coração vazio?

Ficai, cabelos dela, flutuando,  
E, debaixo das águas fugidias,  
Os seus olhos abertos e cismando...

Onde ides a correr, melancolias?  
— E, refractadas, longamente ondeando,  
As suas mãos translúcidas e frias...

Quando voltei encontrei os meus passos  
Ainda frescos sobre a húmida areia.  
A fugitiva hora, revoquei-a,  
— Tão rediviva! nos meus olhos baços...

Olhos turvos de lágrimas contidas.  
— Mesquinhos passos, porque doidejastes  
Assim transviados, e depois tornastes  
Ao ponto das primeiras despedidas?

Onde fostes sem tino, ao vento vário,  
Em redor, como as aves num aviário,  
Até que a asita fofa lhes faleça...

Toda essa extensa pista — para quê?  
Se há-de vir apagar-vos a maré,  
Com as do novo rasto que começa...

Imagens que passais pela retina  
Dos meus olhos, porque não vos fixais?  
Que passais como a água cristalina  
Por uma fonte para nunca mais!...

Ou para o lago escuro onde termina  
Vosso curso, silente de juncais,  
E o vago medo angustioso domina,  
— Porque ides sem mim, não me levais?

Sem vós o que são os meus olhos abertos?  
— O espelho inútil, meus olhos pagãos!  
Aridez de sucessivos desertos...

Fica sequer, sombra das minhas mãos,  
Flexão casual de meus dedos incertos,  
— Estranha sombra em movimentos vãos.

# POESIAS

Quando se erguerão as seteiras,  
Outra vez, do castelo em ruína,  
E haverá gritos e bandeiras  
Na fria aragem matutina?

Se ouvirá tocar a rebate  
Sobre a planície abandonada?  
E sairemos ao combate  
De cota e elmo e a longa espada?

Quando iremos, tristes e sérios,  
Nas prolixas e vãs contendadas,  
Soltando juras, impropérios,  
Pelas divisas e legendas?

E voltaremos, os antigos  
E puríssimos lidadores,  
(Quantos trabalhos e perigos!)  
Quasi mortos e vencedores?

.....  
.....  
.....  
.....

E quando, ó Doce Infanta Real,  
Nos sorrirás do belveder?  
— Magra figura de vitral,  
Por quem nós fomos combater...

Não sei se isto é amor. Procuo o teu olhar,  
Se alguma dor me fere, em busca de um abrigo;  
E apesar disso, crê! nunca pensei num lar  
Onde fosses feliz, e eu feliz contigo.

Por ti nunca chorei nenhum ideal desfeito.  
E nunca te escrevi nenhuns versos românticos.  
Nem depois de acordar te procurei no leito  
Como a esposa sensual do *Cântico dos cânticos*.

Se é amar-te não sei. Não sei se te idealizo  
A tua cor sadia, o teu sorriso terno,  
Mas sinto-me sorrir de ver esse sorriso  
Que me penetra bem, como este sol de inverno.

Passo contigo a tarde e sempre sem receio  
Da luz crepuscular, que enerva, que provoca.  
Eu não demoro o olhar na curva do teu seio  
Nem me lembrei jamais de te beijar na boca.

Eu não sei se é amor. Será talvez começo...  
Eu não sei que mudança a minha alma pressente...  
Amor não sei se o é, mas sei que te estremeço,  
Que adoecia talvez de te saber doente.

Rufando apressado,  
E bamboleado,  
Bonet posto ao lado,

Garboso, o tambor  
Avança em redor  
Do campo de amor...

Com força, soldado!  
A passo dobrado!  
Bem bamboleado!

Amores te bafejem.  
Que as moças te beijem.  
Que os moços te invejem.

Mas ai, ó soldado!  
Ó triste alienado!  
Por mais exaltado

Que o toque reclame,  
Ninguém que te chame...  
Ninguém que te ame...

Ao meu coração um peso de ferro  
Eu hei-de prender na volta do mar.  
Ao meu coração um peso de ferro...  
Lançá-lo ao mar.

Quem vai embarcar, que vai degredado...  
As penas do amor não queira levar...  
Marujos, erguei o cofre pesado,  
Lançai-o ao mar.

E hei-de mercar um fecho de prata.  
O meu coração é o cofre selado.  
A sete chaves: tem dentro uma carta...  
— A última, de antes do teu noivado.

A sete chaves, — a carta encantada!  
E um lenço bordado... Esse hei-de o levar,  
Que é para o molhar na água salgada  
No dia em que enfim deixar de chorar...

# CREPUSCULAR

Há no ambiente um murmúrio de queixume,  
De desejos de amor, d'ais comprimidos...  
Uma ternura esparsa de balidos,  
Sente-se esmorecer como um perfume.

As madressilvas murcham nos silvados  
E o aroma que exalam pelo espaço,  
Tem delíquios de gozo e de cansaço,  
Nervosos, femininos, delicados.

Sentem-se espasmos, agonias d'ave,  
Inapreensíveis, mínimas, serenas...  
— Tenho entre as mãos as tuas mãos pequenas.  
O meu olhar no teu olhar suave.

As tuas mãos tão brancas d'anemia...  
Os teus olhos tão meigos de tristeza...  
— É este enlanguescer da natureza,  
Este vago sofrer do fim do dia.

Se andava no jardim,  
Que cheiro de jasmim!  
Tão branca do luar!

.....  
.....  
.....  
  
.....  
.....  
.....

Eis tenho-a junto a mim.  
Vencida, é minha, enfim,  
Após tanto a sonhar...

Porque entristeço assim?...  
Não era ela, mas sim  
(O que eu quis abraçar),

A hora do jardim...  
O aroma de jasmim...  
A onda do luar...

Depois das bodas de oiro,  
Da hora prometida,  
Não sei que mau agoiro  
Me enoiteceu a vida...

Temo de regressar...  
E mata-me a saudade...  
— Mas de me recordar  
Não sei que dor me invade.

Nem quero prosseguir,  
Trilhar novos caminhos,  
Meus pobres pés, dorir,  
Já roxos dos espinhos.

Nem ficar... e morrer...  
Perder-te, imagem vaga...  
Cessar... Não mais te ver...  
Como uma luz se apaga...

O meu coração desce,  
Um balão apagado...  
— Melhor fora que ardesse,  
Nas trevas, incendiado.

Na bruma fastidiosa,  
Como um caixão à cova...  
— Porque antes não rebenta  
De dor violenta e nova?!

Que apego ainda o sustém?  
Átomo miserando...  
— Se o esmagasse o trem  
Dum comboio arquejando!...

O inane, vil despojo  
Da alma egoísta e fraca!  
Trouxesse-o o mar de rojo,  
Levasse-o na ressaca.

Chorai arcadas  
Do violoncelo!  
Convulsionadas,  
Pontes aladas  
De pesadelo...

De que esvoaçam,  
Branços, os arcos...  
Por baixo passam,  
Se despedaçam,  
No rio, os barcos.

Fundas, soluçam  
Caudais de choro...  
Que ruínas, (ouçam)!  
Se se debruçam,  
Que sorvedouro!...

Trémulos astros...  
Soidões lacustres...  
— : Lemes e mastros...  
E os alabastros  
Dos balaústres!

Urnas quebradas!  
Blocos de gelo...  
— Chorai arcadas,  
Despedaçadas,  
Do violoncelo.

# AO LONGE OS BARCOS DE FLORES

Só, incessante, um som de flauta chora,  
Viúva, gracil, na escuridão tranquila,  
— Perdida voz que de entre as mais se exila,  
— Festões de som dissimulando a hora.

Na orgia, ao longe, que em clarões cintila  
E os lábios, branca, do carmim desflora...  
Só, incessante, um som de flauta chora,  
Viúva, gracil, na escuridão tranquila.

E a orquestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,  
Cauta, detém. Só modulada trila  
A flauta flébil... Quem há-de remi-la?  
Quem sabe a dor que sem razão deplora?

Só, incessante, um som de flauta chora...

# EM UM RETRATO

De sob o cómoro quadrangular  
Da terra fresca que me há-de inumar,

E depois de já muito ter chovido,  
Quando a erva alastrar com o olvido,

Ainda, amigo, o mesmo meu olhar  
Há-de ir humilde, atravessando o mar,

Envolver-te de preito enternecido,  
Como o de um pobre cão agradecido.

Voz débil que passas,  
Que humílisma gemes  
Não sei que desgraças...

Dir-se-ia que pedes.  
Dir-se-ia que tremes,  
Unida às paredes,

Se vens, às escuras,  
Confiar-me ao ouvido  
Não sei que amarguras...

Suspiras ou falas?  
Porque é o gemido,  
O sopro que exalas?

Dir-se-ia que rezas.  
Murmuras baixinho  
Não sei que tristezas...

— Ser teu companheiro? —  
Não sei o caminho.  
Eu sou estrangeiro.

— Passados amores? —  
Animas-te, dizes  
Não sei que terrores...

Fraquinha, deliras.

— Projectos felizes? —  
Suspiras. Expiras.

Na cadeia os bandidos presos!  
O seu ar de contemplativos!  
Que é das feras de olhos acesos?!  
Pobres dos seus olhos cativos.

Passeiam mudos entre as grades,  
Parecem peixes num aquário.  
— Campo florido das Saudades  
Porque rebentas tumultuário?

Serenos... Serenos... Serenos...  
Trouxe-os algemados a escolta.  
— Estranha taça de venenos  
Meu coração sempre em revolta.

Coração, quietinho... quietinho...  
Porque te insurges e blasfemas?  
Pschiu... Não batas... De vagarinho...  
Olha os soldados, as algemas!

FINAL

Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas,  
— Fulgurações azuis, vermelhos de hemoptise,  
Represados clarões, cromáticas vesânicas —,  
No limbo onde esperais a luz que vos baptize,

As pálpebras cerrai, ansiosas não veleis.

Abortos que pendeis as frentes cor de cidra,  
Tão graves de cismar, nos bocais dos museus,  
E escutando o correr da água na clepsidra,  
Vagamente sorris, resignados e ateus,

Cessai de cogitar, o abismo não sondeis.

Gembundo arrulhar dos sonhos não sonhados,  
Que toda a noite errais, doces almas penando,  
E as asas lacerais na aresta dos telhados,  
E no vento expirais em um queixume brando,

Adormecei. Não suspireis. Não respireis.



Camilo Pessanha (1867-1926)